

Do afeto à travessia: a angústia e o sujeito contemporâneo

From affect to passage: anxiety and the contemporary subject

MÉLLANE QUEIROZ BRAGA

Pós-Graduanda de Filosofia (UNIPAM)
mellanequeirozbraga@gmail.com

RAQUEL GONÇALVES DA FONSECA

Professora orientadora (UNIPAM)
raquelfonseca@unipam.edu.br

Resumo: Este artigo investiga a angústia como um afeto essencial à constituição subjetiva, a partir da perspectiva psicanalítica de Freud e Lacan. O objetivo principal é compreender como a angústia se manifesta enquanto afeto que não engana, situando-se no encontro com o real e na relação com o objeto a. A metodologia do trabalho envolve uma análise teórica, passando por obras de Freud, especialmente *Inibição, sintoma e angústia* (1926), e de Lacan, com ênfase no *Seminário 10: A angústia* (1962-1963). A pesquisa discute a intensificação da angústia no contexto contemporâneo, marcado por crises climáticas, políticas e econômicas, e sua relação com o desejo e a falta. Os resultados sugerem que a angústia não deve ser vista como um obstáculo a ser eliminado, mas como um elemento estruturante da subjetividade, essencial para a dinâmica do desejo. Conclui-se que a travessia da angústia, longe de sua extinção, é um processo de integração desse afeto à psique, promovendo uma renovação subjetiva e permitindo uma reconfiguração do desejo no encontro com o real.

Palavras-chave: angústia; psicanálise; subjetividade contemporânea; travessia da angústia.

Abstract: This article investigates anxiety as an essential affect in subjective constitution, based on the psychoanalytic perspectives of Freud and Lacan. The main objective is to understand how anxiety manifests itself as an affect that does not deceive, situated in the encounter with the real and in relation to the object a. The methodology involves a theoretical analysis drawing on Freud's works, particularly *Inhibitions, Symptoms and Anxiety* (1926), and Lacan's *Seminar X: Anxiety* (1962–1963). The study discusses the intensification of anxiety in the contemporary context, marked by climate, political, and economic crises, and its relationship to desire and lack. The findings suggest that anxiety should not be regarded as an obstacle to be eliminated, but as a structuring element of subjectivity, essential to the dynamics of desire. It is concluded that the passage through anxiety, far from its extinction, constitutes a process of integrating this affect into the psyche, fostering subjective renewal and enabling a reconfiguration of desire in the encounter with the real.

Keywords: anxiety; psychoanalysis; contemporary subjectivity; passage through anxiety.

O que é angústia?

Um rapaz fez-me essa pergunta difícil de ser respondida. Pois depende do angustiado. Para os incautos, inclusive, é palavra que se orgulham de pronunciar como se com ela subissem de categoria - o que também é uma forma de angústia.

Angústia pode ser não ter esperança na esperança. Ou conformar-se sem se resignar. Ou não se confessar nem a si próprio. Ou não ser o que realmente se é, e nunca se é. Angústia pode ser o desamparo de estar vivo. Pode ser também não ter coragem de ter angústia - e a fuga é outra angústia. Mas angústia faz parte: o que é vivo, por ser vivo, se contrai.

Esse mesmo rapaz me perguntou: você não acha que há um vazio sinistro em tudo? Há sim. Enquanto se espera que o coração entenda.

(Lispector, 1999, p. 435)

1 INTRODUÇÃO

Lacan (2005 [1962-63]) demarca a dificuldade de se falar sobre a angústia, desde os filósofos que a tematizaram até mesmo em Freud, uma vez que, segundo ele, no texto de 1926, *Inibição, sintoma e angústia*, muito se diz, exceto propriamente da angústia. Nesse contexto, o autor questiona: "Será que isso quer dizer que não se pode falar dela?" (Freud, 2014 [1926], p. 18).

Para Lacan, não basta afirmar que a angústia corresponde a uma reação catastrófica ou a uma emoção intensa. Ele propõe que a angústia deve ser compreendida como um afeto que ultrapassa uma resposta imediata, estabelecendo uma relação profunda com a estrutura do sujeito. Enquanto afeto, a angústia distingue-se de uma emoção bruta, embora se mantenha intrinsecamente vinculada ao modo como o sujeito se constitui e se relaciona com os significantes. Para Duarte (2020, p. 50) "há algo que o significante não alcança; é lá que teremos notícia da angústia, ou melhor, teremos a angústia enquanto notícia".

A angústia, enquanto afeto, ocupa um lugar central na teoria psicanalítica, sendo abordada por Freud e Lacan como um fenômeno estrutural e irreduzível à simbolização completa. Este artigo tem como objetivo explorar a angústia a partir da perspectiva psicanalítica, com foco nas contribuições de Lacan, especialmente no *Seminário 10: A angústia* (1962-1963), e de Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (1926). A delimitação do tema se dá no entendimento da angústia não como uma mera reação emocional ou sintoma patológico, mas como um afeto que está intimamente ligado à constituição do sujeito e à sua relação com o real. Para tanto, primeiramente o artigo explora o conceito de afeto na psicopatologia, para depois delimitá-lo na psicanálise e por fim situar a angústia como o afeto que não engana. Mas se ela não engana, o que ela revela?

Saber o que é propriamente a angústia e o que fazer com ela é importante porque a angústia, na atualidade, tende a ser tratada como uma imperfeição ou algo que deve prontamente ser eliminada. Essa visão, que busca remover a angústia, reflete uma idealização de um indivíduo "livre" de angústia e, por consequência, sem os efeitos do inconsciente. Esse cenário, como aponta Birman (2011 *apud* Duarte, 2020), reflete uma banalização do sofrimento humano, influenciada pelo saber biomédico e pela

psicofarmacologia. Isso marginaliza a psicanálise e outras abordagens terapêuticas frente aos chamados transtornos psicopatológicos.

A ideia de que o funcionamento psíquico se reduz a uma base biológica, como defendem algumas vertentes das neurociências, desconsidera a complexidade do psiquismo. Para essas vertentes, o funcionamento psíquico seria explicável apenas em termos bioquímicos. Já para a psicanálise, a angústia não é meramente um sintoma patológico, mas um elemento constitutivo e estruturante do psiquismo. Ela não é algo que possa ser simplesmente removido sem consequências, ao contrário, é necessário reconhecer a angústia como um "a-mais" no sujeito, uma adição que contribui para a própria existência e para a dinâmica do desejo. Sua presença não deve ser vista apenas como um obstáculo a ser superado, mas como uma condição que dá forma à vida psíquica.

No entanto, mesmo a angústia tendo função fundamental, é notável que no mundo contemporâneo ela é cada vez mais presente – através de crises climáticas, políticas e econômicas. Em meio a esse cenário surge a questão, como lidar com esse afeto? O problema central deste estudo reside na compreensão da angústia nesse contexto. Como a angústia se manifesta e como o sujeito pode lidar com ela em um mundo de incertezas e falhas simbólicas? A principal hipótese que orienta este trabalho é que, em vez de ser eliminada, a angústia deve ser integrada à dinâmica psíquica do sujeito, constituindo-se como um ponto de passagem para a constituição do desejo.

A justificativa para o estudo é dupla: primeiro, ao abordar a angústia como um afeto estruturante e não patológico, o trabalho propõe uma nova perspectiva teórica para lidar com esse fenômeno; segundo, dada a intensificação da angústia no cenário contemporâneo, a psicanálise oferece ferramentas para entender e atravessar essa experiência, promovendo uma transformação subjetiva. Com isso, o estudo visa contribuir para o entendimento da angústia como um fenômeno complexo e necessário à subjetividade humana, no entanto, “não dizemos que a psicanálise cura a angústia, mas que a psicanálise permite atravessar a angústia” (Alvarenga, 2022, p. 22).

2. O AFETO

2.1 SEMIOLOGIA DA AFETIVIDADE

De acordo com Teixeira e Caldas (2017) ao abordar a semiologia da afetividade a partir dos textos clássicos de psicopatologia, nos deparamos inicialmente com um sério problema de definição. Em algumas interpretações, como na perspectiva clássica de Descartes, o afeto é visto como um pensamento confuso; em outras, como na visão mais contemporânea de Brentano, ele é considerado um fenômeno psíquico não intelectual. Diante dessa falta de precisão, Jaspers acaba por oferecer uma definição meramente negativa: considera-se afeto aquilo que não se consegue nomear de outra forma em nossa disciplina.

O paradoxo é marcante: incerto em sua definição epistêmica, o afeto é o que há de mais certo em sua vivência pelo sujeito. Sua verdade, para o sujeito afetado, é a de ser o que é. Embora possa ser dito de formas diferentes, sua experiência sofrida não deixa dúvida quanto a sua ocorrência (Teixeira; Caldas, 2017, p. 135).

Diferenciar o afeto patológico do afeto saudável na psicopatologia é um desafio, especialmente quando carecemos de uma definição clara do que é o afeto. Como estabelecer um limite entre normalidade e patologia em um campo tão incerto? Essas questões, ainda sem respostas definitivas, têm sido abordadas de maneiras diferentes ao longo do tempo. Por exemplo, em algumas tradições filosóficas, a melancolia era vista como um estado que poderia levar tanto à criatividade quanto à alienação. Já a "mania", que antes se referia a comportamentos descontrolados — como alguém que, em um surto, destrói seus próprios bens pensando se proteger de um perigo imaginário — foi posteriormente associada à loucura pelos pioneiros da psiquiatria.

A análise do afeto patológico parece estar ligada à intensidade (Teixeira; Caldas, 2017): sentimentos moderados de tristeza ou alegria são geralmente considerados normais, enquanto a tristeza extrema — caracterizada por apatia e isolamento — ou a euforia desmedida — marcada por agitação e perda de senso crítico — são vistos como patológicos. Mas como classificar a dor profunda de alguém que perde um ente querido de forma trágica? Seria esperado que sentisse menos tristeza? E quanto à intensa alegria de alguém que celebra a superação de uma grave enfermidade? Seria razoável esperar uma reação mais contida?

Além disso, diante do culto à exaltação consumista que se manifesta nas formas tardias do capitalismo, o comportamento exaltado tende a se aproximar da normalidade na mesma proporção em que a tristeza é tratada como patologia. Assim, a diferença entre afeto normal e patológico é difícil de definir e não pode ser reduzida a um simples modelo estatístico.

Nos livros de psicopatologia, é comum distinguir humor e afetividade, considerando o humor como uma disposição básica que nos torna emocionalmente receptivos. De acordo com Teixeira e Caldas (2017), essa disposição geral, que tende a manter certa estabilidade ao longo do tempo, contrasta com o afeto, que se manifesta como uma resposta imediata. O humor, por sua natureza, permite uma avaliação quantitativa, variando entre três polos: exaltação (hipertimia), depressão (hipotimia) e indiferença, sendo a normalidade vista como um ponto intermediário, em linha com a ideia aristotélica do equilíbrio e da moderação. Diferente do humor, o afeto está sempre ligado a um conteúdo emocional específico, funcionando como uma tonalidade qualitativa da experiência, associada ao momento vivido e, por isso, de caráter mais passageiro e transitório.

Alguns críticos equivocados do senso comum costumam afirmar que a maior falha do discurso psicanalítico é ignorar a questão do afeto, concentrando-se apenas no aspecto formal da estrutura simbólica (Murta, 2011; Teixeira; Caldas, 2017). Para nos posicionarmos diante dessa crítica frequente, é importante destacar que a psicanálise nunca deixou de considerar a dimensão do afeto, mas sempre a referiu ao campo da linguagem. Na visão psicanalítica, o afeto está integrado à estrutura, não sendo um

fenômeno corporal indescritível. Assim, o afeto deve ser compreendido em sua relação com o inconsciente. A dinâmica afetiva do inconsciente está profundamente conectada à forma como o sujeito se insere na linguagem.

2.2 O AFETO NA PSICANÁLISE

Para Teixeira e Caldas (2017), pensar uma semiologia do afeto em relação ao inconsciente freudiano não é tarefa simples, uma vez que o próprio Freud rejeita a ideia de um afeto inconsciente, afirmando que o recalque afeta apenas as representações. Alvarenga (2022) explica que o recalque incide sobre os significantes, os representantes do afeto, e não sobre o afeto em si.

Se lembramos como Freud definia a pulsão, podemos nos referir a um pequeno esquema, no qual a pulsão tem origem na soma, no corpo, nas bordas pulsionais, e é representada no psiquismo. Essa representação se divide entre o representante e o afeto: o representante ou o significante seria então recalcado, e o afeto iria para o corpo (Alvarenga, 2022, p. 24).

No caso do pequeno Hans (Freud, 1909 *apud* Alvarenga, 2022), por exemplo, o medo de cavalos se explica pelo deslocamento do afeto de uma representação recalcada, sugerindo que o afeto não é recalcado em si, mas transferido para outras representações. Ao analisar o tratamento de Freud à afetividade, notamos que ele não adota a distinção psiquiátrica entre afeto e humor. Inicialmente, Freud define o afeto como uma energia psíquica indiferenciada, e posteriormente, como um estado qualitativo cuja essência é ser percebido pela consciência. Mas, se o afeto tem como característica essencial ser consciente, onde se encaixa a referência ao inconsciente?

Para melhor compreender essa referência ao inconsciente, é necessário considerar a distinção que Freud faz em 1914 entre afeto e pulsão. Segundo Freud, o elemento verdadeiramente indiferenciado é a pulsão, que só adquire uma qualidade perceptiva, tornando-se afeto, quando se associa a um objeto que lhe proporciona uma representação. Assim, o afeto é definido como a tonalidade subjetiva da descarga pulsional ligada a essa representação. Nesse contexto, a pulsão só é capaz de afetar a percepção quando vinculada a uma representação na linguagem, cujos elementos se organizam de forma independente do discurso da consciência.

Tomemos o medo como exemplo,

a pulsão somente será percebida como medo se for associada a um elemento de linguagem que evoque, em sua recepção pelo sujeito, alguma experiência significativa determinante da ideia de pavor, a partir de relações associativas que escapam às regras do discurso consciente (Teixeira; Caldas, 2017, p. 141).

Para melhor articular a semiologia do afeto com a dimensão do inconsciente, utilizaremos da análise feita por Teixeira e Caldas (2017) da abordagem lacaniana sobre os afetos depressivos. Mas antes, vejamos o que o próprio Lacan nos diz, ao tratar, em *Televisão*, do afeto da tristeza:

A tristeza é qualificada de depressão, ao se lhe dar por suporte a alma, ou então a tensão psicológica do filósofo Pierre Janet. Mas esse não é um estado de espírito, é simplesmente uma falta moral, como se exprimiam Dante ou até Espinosa: um pecado, o que significa uma *lâcheté* moral, que só é situado, em última instância, a partir do pensamento, isto é, do dever de bem dizer, ou de se referenciar no inconsciente, na estrutura (Lacan, 2003 [1974], p. 524).

Os autores Teixeira e Caldas (2017) iniciam pela noção de pecado, ou de falta moral. A psicanálise reconhece a noção de pecado original, não no sentido religioso, mas como uma estrutura de culpabilidade intrínseca ao sujeito, resultante da divisão imposta pela linguagem. Essa divisão faz com que o gozo pessoal seja percebido como impróprio, levando à autorreprovação, à vergonha e a sentimentos semelhantes. O afeto da culpa, o único considerado inconsciente por Freud, surge da recusa de um desejo pulsional, resultando em um prazer ligado ao sofrimento. Lacan se refere ao Canto VIII do *Inferno*, de Dante, no qual homens tristes se afundam em uma água nauseante, simbolizando a condescendência ao sofrimento e a falta de clareza sobre a causa do desejo.

A psicanálise nos convoca a situar, através do bem dizer, a causa do desejo no inconsciente. É nesse ponto que Espinosa surge como uma referência importante, pois sua ética busca determinar a lógica da afetividade. Segundo Espinosa (1988 *apud* Teixeira; Caldas, 2017), na primeira definição do terceiro livro da *Ética*, as paixões, que não somos a causa, apresentam-se como ideias frouxas, desassociadas do raciocínio. A lassidão que acompanha a tristeza seria, nesse sentido, consequência da frouxidão associativa relacionada ao modo passivo de recepção da sensibilidade. Espinosa, no entanto, acrescenta que essas paixões, que para o espírito humano são ideias confusas, encontram sua causa adequada em Deus ou na natureza, que para ele são a mesma coisa. Assim, sua ética se estabelece como um projeto que visa compreender a natureza como uma rede de conexões causais cuja inteligibilidade pode e deve ser alcançada pelo pensamento. Diferentemente do que acreditava Descartes, Espinosa (Livro V, Proposição 4) afirma que não existem ideias obscuras relacionadas ao corpo, em oposição ao campo das ideias claras e distintas. Não há ideias obscuras; existem, no máximo, ideias amputadas, desconectadas de sua própria causalidade (Teixeira; Caldas, 2017).

A desvalorização da função da consciência por parte de Espinosa pode ser compreendida através da observação de Deleuze (1981, *apud* Teixeira; Caldas, 2017), que destaca a descoberta do inconsciente como um espaço de conexões causais desconhecidas pela consciência, que apenas capta os efeitos dessas conexões. Como resultado, somos levados a ter ideias inadequadas e confusas, o que nos causa lassidão e sofrimento. Essa mesma lógica se aplica ao sintoma psíquico, que, na visão freudiana, aparece como uma ideia confusa por estar desconectada de suas causas. Portanto, a

prática clínica da psicanálise pode ser vista como uma extensão do pensamento espinosista, pois busca identificar as causas que determinam a posição do sujeito no inconsciente.

Assim, nos afastamos da postura racional do sujeito cartesiano, que sacrifica as informações sensoriais – aquilo que afeta o corpo – em busca da verdade intelectual do pensamento. Embora as paixões muitas vezes levem ao engano e ao erro, elas representam uma realidade irreduzível da nossa condição humana.

Do mesmo modo que, para Espinosa, o conhecimento puramente intelectual é impotente contra os afetos, aos olhos de Freud é um equívoco pensar que basta remover a ignorância da qual padece o sujeito neurótico para que ele possa se recuperar de seu sofrimento. Não se suprime a fome lendo um cardápio (Teixeira; Caldas, 2017, p. 147).

2.3 ANGÚSTIA: O AFETO QUE NÃO ENGANA

Entre os diversos sentimentos afetivos, cujo caráter enganoso provém dos sentidos variáveis gerados pelo discurso – como estar triste por evitar a verdade, chorar para manipular, ser efusivo para persuadir, ou sentir-se culpado para repetir um erro – Lacan destaca a angústia como um afeto singular, um que não engana e que indica a aproximação do real. Frequentemente confundida com ansiedade, a angústia, cujo termo etimologicamente remete a estreitamento, “é a expressão subjetiva da proximidade do real como fator pulsional que transborda os vínculos das representações que compõem a realidade no discurso do sujeito” (Teixeira; Caldas, 2017, p. 151).

É no sentido desse transbordamento que Lacan qualifica com o termo “à deriva” o afeto desligado da representação, exemplarmente manifesto nas crises de pânico. Lacan diz que “o afeto não é o ser e nem o sujeito. O afeto não é recalcado. Ele se desprende, fica à deriva, deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado. O que é recalcado é o significante que amarra o afeto” (Alvarenga, 2022, p. 26).

No *Seminário 10: A angústia*, Lacan (2005 [1962-63]) nos diz que os significantes constituem uma rede de traços que possibilita a transição entre diferentes ciclos, formando o mundo do sujeito falante, em que a possibilidade de engano é uma característica essencial. A angústia representa esse corte nítido, sem o qual a presença do significante, seu funcionamento e sua marca no real seriam impensáveis. Esse corte revela o inesperado – o que se pode entender como “pressentimento”, que não se limita a prever algo, mas também se refere ao que precede o surgimento de um sentimento (Lacan, 2005 [1962-63], p.88).

Para Lacan (2005 [1962-63]), a partir da angústia, todos os desvios se tornam possíveis. O que realmente se espera, e que é a essência da angústia, é aquilo que não engana, o que é indiscutível. É importante não se deixar levar pelas aparências; a ligação aparente entre angústia e dúvida, ou a ambivalência do obsessivo, não é a mesma coisa. A angústia não é dúvida; ela é a causa da dúvida. A dúvida, com todo o esforço que requer, serve apenas para combater a angústia por meio de ilusões. O que se busca evitar

é a certeza assustadora que se assemelha à angústia. Lacan (2005 [1962-63], p. 88) diz que “agir é arrancar da angústia a própria certeza”.

3. A ANGÚSTIA EM LACAN

Lacan desenvolveu todo um seminário sobre o tema da angústia entre 1962 e 1963. Trata-se do *Seminário 10: A Angústia*. Nesse seminário, Lacan se apoia em várias referências filosóficas para explorar o conceito de angústia. Ele menciona a abordagem existencialista de Kierkegaard, que coloca a angústia no centro da especulação filosófica, e faz referências a Heidegger, com seu conceito de "cuidado", e a Sartre, com a ideia de "seriedade". Lacan articula esses conceitos em um círculo vazio que, embora envolva esses elementos, não contém a angústia em si, tentando dar a ela um enquadramento mais específico. A partir dos conceitos de "inibição", "sintoma" e "angústia" de Freud, Lacan começa a desenvolver uma nova perspectiva, na qual a angústia ocupa um papel central no entendimento da subjetividade (Lacan, 2005[1962-63]).

Em *A angústia*, Lacan (2005 [1962-63]) propõe um questionamento: o que é produzido pela relação do sujeito com o objeto *a*? É nesse contexto, que vem à tona a questão da angústia, como consequência dessa relação. Nesse seminário Lacan formaliza sua teoria do objeto *a*, e isso apenas se tornou viável porque, já na década de 1960, ele pensou a lógica da primazia do significante, formulando o objeto *a* como real, aquilo que não é tangível de simbolização. Para Miller (2005, *apud* Alvarenga, 2022), torna-se compreensível que Lacan tenha optado por se debruçar sobre a teorização da angústia, visto que esse seria de fato o único afeto sem representação e apontaria diretamente para o real, enquanto objeto *a*.

Assim, no seminário dedicado à temática da angústia, Lacan (2005[1962-63]) mergulha para desvendar o papel do objeto *a* e, a partir do viés da angústia, esse acontecimento que manifesta o ponto em que se está frente ao real. “Ponto onde o resto se apresenta desvelado de toda cobertura. Ponto diante do qual, desamparado diante do real, sem o véu da imagem ou a tradução significativa, o encontro com a coisa provoca no sujeito o afeto que não mente” (Machado, 2008, p. 35).

No prefácio do livro *Entre o gozo e o desejo: uma leitura do Seminário A angústia*, de Jacques Lacan, de Elisa Alvarenga, Ligia Gorini diz que:

Para Lacan, a angústia é um afeto que concerne àquilo de mais íntimo de si mesmo. Nesse sentido, enquanto o sentimento mente (*le sentiment*), posto que trama significante, a angústia não engana, pois não visa à palavra, mas toca o real do corpo, ficando *fora de dúvida*. Ela não é sem objeto, mesmo quando ele não é identificável. *Sinal do real*, a angústia aponta o modo irreduzível pelo qual esse objeto se revela na experiência como aquilo que incomoda, que causa estranheza, e perturba toda e qualquer harmonia. [...] o objeto da angústia é causa, e não complemento do sujeito (Alvarenga, 2022, p. 13-14).

3.1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E O DESEJO DO OUTRO

Antes de nos aprofundarmos no objeto da angústia, trataremos da angústia como elemento constituinte do sujeito, a partir da relação com o desejo do Outro. Nesse contexto, demonstraremos que o que resta dessa operação é, precisamente, o que Lacan conceitua como objeto *a*. Para tanto, começaremos com um retorno às formulações freudianas.

Inicialmente Freud concebe a angústia como um aumento de tensão causado pela ausência de descarga pulsional, surgindo quando o sujeito é levado a reprimir essa descarga através do recalque, associando-a a um sintoma. Posteriormente, essa perspectiva é ampliada: a angústia passa a ser vista como algo que transcende causas circunstanciais, sendo uma característica fundamental da condição humana, ligada ao desamparo inicial da criança. Esse desamparo se manifesta quando há um excesso de estímulos que não podem ser controlados ou aliviados (Freud, 2014 [1926]), o que torna a criança dependente da intervenção materna para alcançar a satisfação e transformar essa descarga em uma experiência de alívio (Teixeira; Caldas, 2017).

Esse entendimento permite inferir que o perigo inicial é o acúmulo de excitação, enquanto a presença materna representa a via de alívio e segurança. Assim, a maior ameaça é a ausência dessa presença, e a necessidade de garantir essa segurança se torna central. A figura materna é percebida como fonte de satisfação primordial, e toda a construção da realidade do sujeito, ao longo da vida, envolve a busca por reencontrar esse objeto perdido. Essa busca é orientada pela experiência da falta, que não diz respeito à mera presença física da mãe, mas ao desejo que a anima, gerando no sujeito a pergunta sobre seu próprio valor para esse Outro que o acolhe.

De acordo com Alvarenga (2022), a angústia surge como uma resposta do sujeito ao enigma do desejo do Outro: o Outro barrado (A/) não tem um significante que nomeie o que ele quer de mim. Então o sujeito responde com a fantasia. Dessa forma, a angústia se relaciona à estrutura da fantasia, pois é nesse contexto que o sujeito busca lidar com a incerteza do desejo do Outro. Isso faz referência à relação da angústia com a pergunta *Che vuoi?*, que queres, justamente porque, mais do que relação com o Outro, a angústia tem a ver com o desejo do Outro, na medida em que "o desejo do homem é o desejo do Outro" (Lacan, 2005 [1962-63] p. 31).

Para mostrar como o sujeito se constitui a partir do Outro, marcado pelo significante, Lacan (2005 [1962-63]) utiliza o esquema do processo de subjetivação. No início, o sujeito ainda não existe como sujeito propriamente dito; ele só passa a existir a partir de um significante extraído do tesouro do Outro (o A não barrado). Esse processo envolve a transformação do A (o Outro original) em A barrado (um Outro que responde, mas onde falta algo). Esse movimento gera um resto, o objeto *a*, que representa aquilo que falta e que o sujeito não consegue nomear. Esse objeto *a* é o que resta da operação de divisão do sujeito, sendo o que escapa ao domínio do significante e que constitui o núcleo do desejo e da angústia.

Lacan (2005 [1962-63]) formaliza essa questão através do matema DM/x, em que o Desejo da Mãe (DM) é um significante que carrega a incógnita x, simbolizando a dúvida do sujeito sobre o que ele representa para esse desejo. Para que o sujeito possa se libertar da posição de x, submetido ao desejo enigmático do Outro materno, é necessário

que a lei do Nome-do-Pai (NP) substitua o Desejo da Mãe, oferecendo uma referência estável e orientadora, que insere o sujeito nas normas sociais e culturais.

Essa substituição é expressa pela metáfora paterna, que estabelece o Nome-do-Pai como um mediador do desejo materno, vinculando os impulsos ao campo simbólico da linguagem. Contudo, nem tudo no campo do Outro se traduz em linguagem. Resta algo que a linguagem não consegue abarcar, que é vivido como uma sensação de perda ou de falta de satisfação - o que Lacan denomina de objeto pequeno *a*. Nesse contexto, a incógnita *x* é substituída pelo objeto *a*, que desperta o desejo do sujeito de forma contínua, mas sem que ele possa defini-lo completamente em termos simbólicos ou discursivos (Teixeira; Caldas, 2017).

A angústia se posiciona entre o *x* (a incógnita sobre o que o sujeito é para o Outro) e o desejo. Lacan (2005 [1962-63]) explica que, inicialmente, há um *x* que só pode ser nomeado retroativamente - ele representa a abordagem do Outro e a questão central do sujeito sobre seu valor para o Outro. A angústia surge dessa incerteza sobre a posição do sujeito como objeto para o Outro e está intimamente ligada ao surgimento do pequeno *a*, o objeto que não pode ser plenamente nomeado. Somente em um segundo momento, o sujeito se torna um sujeito do desejo (S barrado), quando ele começa a lidar com a pergunta sobre o que ele quer e deseja a partir dessa experiência inicial de angústia.

Nesse contexto, a angústia não apenas reflete a falta, mas também expõe a relação do sujeito com aquilo que é irreduzível ao simbólico, isto é, com o que não pode ser totalmente compreendido ou representado. Ela antecede a articulação do desejo, marcando o momento em que o sujeito percebe que há algo no Outro que permanece opaco e enigmático, algo que não pode ser completamente assimilado pelas significações do discurso (Alvarenga, 2022).

Lacan (2005 [1962-63]) retoma o esquema do processo de subjetivação para apresentar um sujeito primitivo, não barrado (S), que, ao entrar em contato com o Outro, se transforma em um sujeito dividido (S/). Essa divisão gera o objeto *a* como um resto irreduzível, que resiste à assimilação ao significante. A angústia surge nesse processo, como uma posição intermediária entre o gozo e o desejo, refletindo a relação do sujeito com o objeto *a* e com o desejo do Outro. No início, o gozo não reconhece o Outro, exceto por meio do objeto *a*, e, ao final da operação, o sujeito emerge como barrado, ou seja, um sujeito do desejo. O sujeito barrado é aquele que não pode alcançar o gozo diretamente e que é marcado pela falta. Essa falta é central ao desejo, que sempre se remete ao Outro e não ao gozo. O desejo, então, é causado pelo objeto *a*, que aparece na fantasia como suporte do desejo.

A angústia se situa nesse processo de constituição do sujeito, especialmente no momento em que ele se coloca como objeto para o Outro, antes de se constituir como sujeito barrado. Ela se manifesta quando o sujeito tenta integrar o gozo na cadeia significante, colocando-se em um lugar de objeto. Esse momento corresponde ao que Lacan (2005[1962-63]) descreve como "hiância do desejo no gozo", um espaço de incerteza e tensão entre o desejo e o gozo. Ao superar esse momento de angústia, o sujeito se torna desejante.

No *Seminário 10*, Lacan (2005 [1962-63]) inicialmente define a angústia como um sinal do desejo do Outro: o sujeito se interroga sobre que objeto ele é para o Outro. O

encontro com o Outro leva o sujeito a buscar um significado, como "filho", "irmão" ou "professor", mas essa busca nunca é completamente satisfatória. Alvarenga (2022), explica que a angústia emerge nesse espaço de indeterminação, refletindo a incapacidade de encontrar um significado pleno para o desejo do Outro. O desejo, sendo uma falta, abre caminho para a angústia, que funciona como um sinal do confronto do sujeito com a falta de resposta sobre o seu lugar no desejo do Outro. Na relação com o desejo do Outro, a função do objeto *a* é fundamental. Ele é um resíduo que resta após a operação do significante, tornando-se causa do desejo e, ao mesmo tempo, fonte de angústia. A angústia, assim, aparece como uma resposta à intrusão do objeto *a* e à falta de uma posição segura diante do desejo do Outro.

3.2 O OBJETO CAUSA, OU ELA NÃO É SEM TÊ-LO

Freud se ocupou em desvendar o que seria o objeto da angústia. E Lacan faz uso da própria angústia para pensar em um objeto até então não formulável porém fundamental para todo o encadeamento de sua teoria do desejo. Diferente do objeto do desejo, para ele inexistente, Lacan denomina objeto *a* o que se trata do objeto causa de desejo. Contudo, apenas após a passagem pelo Édipo pode se tornar também causa de desejo, pois, para haver desejo, é necessário que haja a circunscrição da falta.

Se Freud invoca a indeterminação da angústia, Lacan diz: a angústia não é sem objeto. O próprio Freud diz que a angústia é *Angst vor etwas*, angústia diante de alguma coisa. Mas, como diz Lacan, não podemos nos contentar com essa formulação. Ele próprio já tinha introduzido essa questão do objeto, mas, para Lacan, não se trata de um objeto à frente de algo, mas de um objeto situado atrás – um objeto causa. Assim, ao invés de termos o sujeito diante do objeto, nós temos o objeto dividindo o sujeito (Alvarenga, 2022, p. 124).

Lacan afirma que a angústia “não é sem objeto” (2005 [1962-63], p. 105). No entanto, esse objeto da angústia não é visível ou diretamente identificável. Lacan utiliza a expressão “não é sem” também ao falar do falo, indicando algo que opera de forma oculta, não sendo o falo visível como um objeto concreto, mas uma função simbólica que, ao ser percebida, gera angústia. Ele introduz o conceito de objeto *a*, correlato à angústia, explicando que esta surge quando a energia libidinal, que deveria ser direcionada a um objeto, recua e se deposita nesse pequeno *a*. Não é um objeto externo que provoca a angústia, mas esse movimento da libido que se volta para o objeto *a*, criando uma experiência de angústia.

A angústia é a única forma de tradução subjetiva do objeto *a*, mas este é fundamental na estrutura da fantasia, sustentando o desejo. Alvarenga (2022) diz sobre a diferença de intencionalidade na fenomenologia, onde a noese se refere aos atos de apreensão de um objeto (como pensar, perceber ou imaginar), o objeto *a* é concebido como a causa do desejo, não algo que é diretamente captado ou compreendido. Ele se posiciona atrás, e não à frente, do desejo, como já sugerido nas teorias freudianas sobre a pulsão, onde o objeto é contornado pela pulsão e distinto de seu alvo, que é a satisfação.

A relação com o objeto *a* está conectada ao sinal de angústia, ocorrendo quando há uma interrupção no fluxo da libido. Esse objeto *a* se manifesta antes do desejo e não depois. Quando o desejo se direciona a um objeto externo, a angústia pode surgir se a libido se fixa no objeto *a*, interrompendo o movimento natural do desejo.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud afirma que "a exigência pulsional é uma coisa real, pode-se admitir um fundamento real para a angústia neurótica" (Freud, 2014 [1926], p. 87). Lacan utiliza essa ideia de "coisa real" como uma demanda incessante e incondicional, incorporando-a em seu grafo do desejo, o matema da pulsão. Para Lacan, essa "coisa real" mencionada por Freud fundamenta a ideia de que "a angústia não é sem objeto". A angústia, então, está diretamente ligada à exigência pulsional, sendo causada por algo real. "Por isso, o objeto, esse objeto da angústia que é algo da ordem do real, é causa e não complemento do sujeito, mas um objeto que está ali exigindo, causando o sujeito, inclusive sua angústia." (Alvarenga, 2022, p. 40)

De acordo com Teixeira e Caldas (2017), o objeto *a*, em sua relação com a realidade estruturada pela linguagem, se apresenta como um resto que escapa dessa normalização, assumindo outras formas. Pode ser percebido como uma voz com sonoridade estranha, um olhar desvinculado da visão, ou uma palavra incompreensível, que não se encaixa no registro discursivo ou no mundo concreto. Quando o objeto *a* se aproxima, ele provoca no sujeito um sentimento de angústia, marcado pela sensação de perda da realidade e a percepção de que está diante de algo profundamente íntimo. Como a falta introduzida pelo simbólico é fundamental para a construção da realidade, a proximidade do objeto *a* se manifesta "como falta dessa falta estruturante que se traduz ao modo de um estado de perplexidade. Quando nada falta, quando não se sabe mais o que se poderia desejar, esmaga-nos o mudo desespero da angústia" (Teixeira; Caldas, 2017, p. 154), definida por Lacan como "a falta da falta".

3.3 ALÉM DA ANGÚSTIA DE CASTRAÇÃO, SINAL DO REAL

No texto *Inibição, sintoma e angústia* (2014 [1926]), Freud define a angústia como uma reação à perda de um objeto, que pode ser o nascimento, a perda da mãe, do pênis, do amor do objeto, ou do amor do superego. Lacan (2005[1962-63]), por sua vez, reformula essa visão ao afirmar que a angústia aparece justamente quando a falta, que oferecia um ponto de apoio, desaparece. Um exemplo é a mãe que, ao atender todas as demandas da criança imediatamente (como oferecer o seio sempre que solicitado ou atender todas as necessidades de limpeza), pode gerar angústia ao não deixar espaço para a falta. Lacan (2005 [1962-63]) também observa que, no caso do neurótico, o que causa angústia não é a perda do amor do superego, mas o sucesso, quando este obtém aquilo que desejava.

A existência da angústia está ligada a que toda demanda neurótica tem algo de enganoso em relação àquilo que preserva o lugar do desejo. Uma resposta saturadora a essa falsa demanda é angustiante. Se a demanda é estruturada pelo significante, ela não deve ser tomada ao pé da letra. Muitas vezes, o sujeito demanda justamente para fazer valer uma falta. Se o Outro dá uma resposta, satura essa demanda, o desejo

vai para o ralo. [...] Daí a importância da mãe se ausentar também, de haver essa ausência propiciadora de desejo, de essa mãe não estar o tempo todo ali em cima daquela criança (Alvarenga, 2022, p. 47-48).

Lacan (2005 [1962-63]) explora a ideia de que a angústia não é provocada por anomalias ou sintomas, mas sim pela falta que deixa de existir quando algo toma o seu lugar. Ele recomenda a leitura de *Inibição, sintoma e angústia* para melhor compreender a ideia de "perda de objeto". Freud (2014 [1926]), nesse texto, generaliza o conceito de perigo de castração, ligando a angústia a diferentes fases do desenvolvimento: a perda do seio na fase oral, das fezes na fase anal, do amor do superego (angústia moral e social), e finalmente, a angústia de morte.

Alvarenga (2022) explica que Freud parte do conceito de um desamparo biológico inicial – *Hilflosigkeit* –, que depois se transforma em um desamparo diante das exigências pulsionais e da angústia frente ao superego. Lacan, por outro lado, desloca a angústia da relação com o desejo do Outro para a relação com o real. Segundo Lacan (2005[1962-63]), a vivência da castração está no nível do real e não apenas na entrada do pai como figura de interdição. No seminário sobre a angústia, ele examina a relação entre o erótico, o pulsional e a angústia, destacando que, diante da angústia provocada pela excitação sexual, o desejo tem um papel terapêutico ao lidar com a exigência pulsional vivida no próprio corpo, indo além da angústia de castração que esperaria a intervenção do Outro.

A concepção da angústia como sinal do real remete à reformulação freudiana da teoria da angústia em *Inibição, sintoma e angústia*, onde Freud (2014 [1926]) inverte sua posição inicial. Primeiro, ele considerava que a angústia resultava do recalque da excitação sexual. Na segunda teoria, a angústia é vista como um alerta do eu diante do perigo da excitação, sendo ela que leva ao recalque. Assim, enquanto na primeira teoria o recalque gerava a angústia, na segunda, é a angústia que desencadeia o recalque. Freud mantém ambas as teorias, e Lacan as retoma, considerando as duas formas de compreender a angústia. No seminário 10, Lacan (2005[1962-63]) transita da angústia de castração, entendida como um sinal do desejo do Outro, para a angústia como um sinal do real. Inicialmente, Lacan (2005[1962-63]) define a angústia como um signo do desejo do Outro: "eu não sei que objeto sou para o Outro." Posteriormente, relaciona a angústia ao real, inspirando-se em Freud, que coloca a angústia como anterior às defesas do sujeito.

Lacan nos convoca a um retorno à Freud:

Assim, tentemos seguir passo a passo a estrutura e apontar onde tencionamos situar a característica de sinal em que Freud se deteve como a mais apropriada para nos indicar, a nós, analistas, o uso que podemos fazer da função da angústia. Somente a ideia de real, na função opaca de que falo para lhe opor a do significante, permite que nos orientemos. Já podemos dizer que esse *etwas* diante do qual a angústia funciona como sinal é da ordem da irreducibilidade do real. Foi nesse sentido que ousei formular diante de vocês que a angústia, dentre todos os sinais, é aquele que não engana. Do real, portanto, de uma forma irreducível sob a qual esse real se apresenta na experiência,

é disso que a angústia é sinal. Tal é o fio condutor a que lhes peço que se atenham, para ver aonde ele nos levará (Lacan, 2005 [1962-63], p. 178).

Freud utiliza metáforas biológicas e diz que é como se a angústia fosse uma “vacina”, “a forma atenuada de uma doença para escapar ao seu ataque pleno” (Freud, 2014 [1926], p. 110). É em *Inibição, sintoma e angústia* que Freud estabelece sua formulação final sobre o tema da angústia com os seguintes termos: “A angústia surgiu como reação a um estado de perigo, e agora é reproduzida sempre que um estado desses se apresenta” (Freud, 2014 [1926], p. 55). Ainda nesse texto, ele especifica o perigo do qual se trata – o perigo vital.

[...] que o estado de angústia é a reprodução de uma vivência que encerrava as condições para tal aumento da excitação e para a descarga em trilhas específicas, e que é desse modo que o desprazer da angústia adquire seu caráter próprio. No ser humano, tal vivência prototípica é o nascimento, e por isso nos inclinamos a ver no estado de angústia uma reprodução do trauma do nascimento (Freud, 2014 [1926], p. 154).

Mesmo apontando para a sensação de desprazer e para os atos de descarga, Freud propõe que a angústia constitui um importante progresso em nossa autopreservação, que pode funcionar como um sinal diante de situações de perigo ou de uma “situação traumática de desamparo”. Daí que, no momento em que a angústia ressurge como um sinal, como expectativa de uma situação de perigo, o sinal é descrito por Freud didaticamente do seguinte modo:

Esse quer dizer: “estou esperando uma situação de desamparo”, ou “a situação atual me lembra uma das vivências traumáticas já sofridas. Por isso, antecipo esse trauma, vou me comportar como se ele já tivesse chegado, enquanto ainda há tempo para afastá-lo” (Freud, 2014 [1926], p. 86).

Freud (2014 [1926]) conclui que, por um lado, a angústia é a expectativa do trauma e, por outro, é uma repetição do trauma de forma atenuada. A situação traumática é a situação de desamparo. A expectativa do desamparo sofre posteriormente deslocamentos, do perigo para o determinante do perigo, que seria a perda do objeto que surgiu no momento em que a situação de desamparo foi instaurada. Lacan, ao comentar sobre a proposição freudiana da angústia como um sinal de perigo, enuncia que, a partir de sua própria orientação, o perigo tal como ele o considera “está ligado ao caráter de cessão do momento constitutivo do objeto *a*” (Lacan, 2005 [1962-63], p. 375).

Lacan (2005 [1962-63]) associa a angústia ao encontro com o Real, uma das três ordens que estruturam sua teoria (Real, Simbólico e Imaginário). O Real representa aquilo que é impossível de simbolizar, a lacuna ou fenda que sempre escapa à compreensão do sujeito. A angústia, então, é uma resposta à proximidade do Real, uma experiência que desestabiliza a ilusão de completude e coerência do sujeito. A angústia enquanto angústia sinal, como ratifica Jorge (2010, p. 169), se manifesta quando o objeto

a torna-se muito próximo do sujeito: “[...] a angústia é o sinal de que o objeto *a*, causa de desejo, que deve ser mantido sempre a certa distância, está se aproximando demais”.

Para Freud (2014 [1926]), a angústia seria uma reação diante do perigo da perda de um objeto. Lacan (2005 [1962-63]), no entanto, nos direciona para outra perspectiva: a angústia não como o sinal de uma falta, mas como da falta do apoio da falta. É a falta que faz com o que o sujeito deseje. Mas ao nos depararmos com a angústia, de acordo com Vasconcelos e Penas (2019), o que é possível notar, é que, nesse lugar onde deveria haver a falta, entra um objeto que vem obturá-la.

Dessa forma, segundo Lacan (2005 [1962-63]), a angústia desempenha um importante papel na constituição subjetiva e, logo, na constituição do desejo neurótico. A angústia surge aqui como momento lógico antecedente à constituição do desejo, constituindo-se como condição fundamental nessa estruturação. Lacan a coloca no lugar do “entre” (gozo e desejo), onde o objeto *a* brota como representante do sujeito, não no registro do imaginário, ou simbólico, mas em seu real indomável (Vasconcelos; Pena, 2019).

4. A TRAVESSIA

Compreender a angústia em seu papel constitutivo permite avançar para outra questão central: como lidar com ela. Lacan (2005 [1962-63]), n’*O Seminário, livro 10: A angústia* não usa uma vez sequer a expressão “travessia da angústia”, Lacan usa o termo “superação da angústia”. Ele diz: “A angústia, portanto, é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, uma vez que só depois de superada a angústia, e fundamentado no tempo da angústia, que o desejo se constitui” (p. 193). No entanto, ele afirma que a angústia, assim como a fantasia, está “enquadrada”, como se fosse uma janela coberta por um quadro. Tanto a angústia quanto a fantasia têm limites que as contêm. Nesse sentido, a fantasia funciona como um recurso para lidar com a angústia, atuando como uma proteção contra o real.

É nessa aproximação com a fantasia que autores contemporâneos apontam a possibilidade de atravessar a angústia. Dunker (2006) nos diz que: “trata-se de uma espécie de travessia da angústia, de extração de sua forma elementar para um dado sujeito. Em outras palavras, a substituição do objeto da angústia pelo objeto causa do desejo” (p. 308). Leite (2011, p. 184) também nos diz que se trata de uma “[...] travessia que precisa ser renovada para que a vida possa, mais uma vez, ser recriada”; é essa travessia “que viabiliza a emergência do sujeito desejante, assinalando o lugar mediano que a angústia ocupa entre o gozo (real) e o desejo” (Leite, 2009, p. 184).

Entretanto, a possibilidade de superação ou travessia se refere apenas à angústia sinal, identificada por Freud (2014 [1926]) e complementada por Lacan (2005[1962-63]). Freud ainda menciona que a angústia infantil nunca pode ser completamente eliminada. Portanto, superar ou atravessar a angústia sinal não implica em extingui-la, mas sim em lidar com suas manifestações quando estas se tornam desproporcionais ao perigo que sinalizam.

Lacan (2005 [1962-63]) ressalta que a angústia sinal está relacionada a momentos em que o sujeito confronta sua falta, enquanto a angústia primordial está ligada à constituição do objeto *a*. Assim, a possibilidade de travessia é limitada: a angústia

essencial à condição humana não pode ser superada, mas a angústia pontual, que se refere à cessão do objeto *a* em relação ao desejo do Outro, pode ser atravessada. Essa travessia não busca eliminar ou reduzir a angústia, mas reconhecer e integrar sua presença, permitindo que o sujeito lide com suas implicações.

O que a psicanálise oferece frente a angústia é que as palavras e os significados sejam manipulados, criando um espaço para deslocar sentidos e promover a mobilidade psíquica. Assim, atravessar a angústia, ou mesmo superá-la, implica em ultrapassar essa sensação de petrificação, promovendo uma locomoção que leva o sujeito a ir além da angústia. Essa dinâmica sugere que, em vez de ver a angústia como um obstáculo intransponível, podemos entendê-la como uma etapa que pode ser superada através do tratamento do real pelo simbólico, onde a exploração dos significantes se torna um meio para reanimar a ação e o desejo. “Dizer do atravessamento ou da superação da angústia é dizer de um restabelecimento da função do desejo” (Duarte, 2020, p. 9).

Miller (2005 *apud* Alvarenga, 2022) discute a evolução do pensamento de Lacan, destacando a função da angústia como um afeto que não engana, ou seja, que revela algo fundamental sobre o sujeito. Para ele, Lacan sugere que, diante de uma crise de angústia, é importante identificar as condições que a desencadeiam; um movimento que não é propriamente de interpretação, mas uma redução da angústia a um fenômeno interpretável. Essa abordagem propõe uma sequência que parte da identificação, passa pela angústia, e culmina na busca de formas de lidar com esse afeto.

No contexto contemporâneo, a questão da identificação torna-se especialmente relevante, já que as identidades se mostram mais instáveis e fluidas, levando os sujeitos a buscarem afiliações a grupos como uma forma de encontrar um sentido de pertencimento. A angústia, nesse processo, desafia o caráter universal, ela expõe a impotência de qualquer discurso que pretenda ser absoluto, mostrando que ele não pode intervir diretamente sobre aquele que sofre de angústia.

Isso sugere uma abordagem mais individualizada da angústia, em que cada sujeito deve encontrar sua própria forma de lidar com o que Lacan chama de *sinthoma* – um modo particular de satisfação que reconhece a presença de um “resto” irreduzível. Ao invés de buscar um sentido que seja aplicável a todos, o *sinthoma* representa uma maneira singular de lidar com o desejo e o gozo, adaptada a cada sujeito. Para Alvarenga (2022, p.318), “não é mais um sintoma analisável, para se dar sentido; é o *sinthoma* como modo de satisfação, como modo de gozo, que inclui um certo resto, irreduzível”.

A angústia, por produzir uma desordem no simbólico, interroga a eficácia universal do Nome-do-pai e, ao fazer uma objeção ao para-todos, demonstra ao mestre a sua impotência. Em contraponto àqueles que falam em nome de todos, o psicanalista se orientará pela via do não-todo, o que implica em permitir a cada sujeito se valer de seu *sinthoma* como forma singular de um fazer com a angústia (Alvarenga, 2022, p. 12).

Apesar de Lacan (2005[1962-63]) não mencionar a expressão “atravessar a angústia”, ele diz que a estrutura da angústia é “exatamente a mesma” (p.12) que a estrutura da fantasia. Coutinho Jorge (2010, p. 244) diz que a travessia da fantasia

consiste em uma “travessia que ocasionaria um remanejamento das defesas e uma modificação da relação do sujeito com o gozo”. Essa ideia se articula à relação entre a estrutura da fantasia e a da angústia, levando-nos a falar sobre a “travessia da angústia,” conforme sugerido por Dunker (2006) e Leite (2009).

Miller (2013, p. 135) acrescenta que, ao contrário do sintoma, que pode desaparecer com o tratamento analítico, a fantasia permanece: “Se Lacan fala de travessia da fantasia, é para não se referir ao seu levantamento ou desaparecimento. [...] Com a fantasia, trata-se, ao contrário, de ir ver o que está por trás”. Dessa forma, entender a travessia ou superação da angústia pode estar relacionado a um processo em que o sujeito reconfigura seu acesso ao objeto, especialmente após a falha da fantasia. Isso implica um desejo de investigar o que reside por trás da angústia, de depurar suas causas e de nomeá-las. “Tarefa impossível, diga-se de passagem, mas é dessa impossibilidade que se faz o caminho do engano: colocar palavra naquilo que não tem” (Duarte, 2020, p.76). Tentar nomeá-la já é propriamente forjar um caminho de travessia: “[...] um verdadeiro exercício no sentido de buscar explicitar cada vez mais, para ele mesmo, aquilo que o atravessa” (Leite, 2009, p. 84).

Não é por acaso que Lacan (2005 [1962-63]), ao final de *O Seminário, livro 10: a angústia*, afirma: “Só há superação da angústia quando o Outro é nomeado. Só existe amor por um nome, como todos sabem por experiência própria” (p. 366). Isso sugere que o reconhecimento e a nomeação do Outro são fundamentais para a travessia da angústia, abrindo um caminho para o desejo de saber e para a transformação do sofrimento em significado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou a angústia como um afeto essencial e estruturante na subjetividade, com base nas formulações de Freud e Lacan. Situada no encontro com o real e na relação com o objeto a a angústia foi discutida não como um obstáculo ou patologia a ser eliminada, mas como uma experiência inescapável que aponta para a constituição do sujeito e a dinâmica do desejo. No contexto contemporâneo, marcado por crises e incertezas globais, a angústia se intensifica, desafiando os sujeitos a lidar com um excesso de estímulos e uma aparente falta de significação.

A resposta ao problema levantado na introdução evidencia que a angústia não pode ser apagada sem consequências para o sujeito, pois sua função é central na estruturação do desejo. A travessia da angústia, como propõe a psicanálise, consiste em integrar esse afeto à dinâmica psíquica, promovendo a mobilidade subjetiva e permitindo que o sujeito reconheça e lide com suas próprias faltas e limites. Este movimento possibilita a reinvenção subjetiva diante de um mundo cada vez mais exigente e incerto.

A ideia de que atravessar e superar a angústia se relaciona a um percurso, e não à sua extinção, nos leva a considerar que atravessar a angústia implica ir além dela, explorando o que ela nos oferece. Isso envolve reconhecer a angústia como parte da constituição do sujeito. Como Lacan (2005 [1962-63]) aponta, é somente a partir da angústia que o objeto a é cedido para se tornar objeto causa do desejo. Assim, a angústia funciona como um elo intermediário entre o gozo e o desejo, fundamentando o desejo.

Nesse contexto, para Duarte (2020), a angústia sinaliza a divisão subjetiva, pois representa tanto o momento de cessão do objeto *a* quanto a evidência de sua presença onde deveria estar a falta. Esse movimento é necessário sempre que há uma travessia entre um ponto e outro. A angústia, portanto, indica o instante em que o gozo se transforma em desejo, convocando o sujeito a oferecer algo, simbolicamente, para engendrar a dialética do desejo.

Por fim, é importante destacar que a psicanálise não propõe uma resposta universal à questão da angústia. Pelo contrário, ela se orienta pela singularidade de cada sujeito, reconhecendo que a angústia se apresenta de formas únicas e requer caminhos individuais para sua travessia. Nesse sentido, a psicanálise reafirma sua posição como uma prática ética, que respeita a complexidade da experiência humana e suas diversas formas de lidar com o real.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Elisa. **Entre o gozo e o desejo: uma leitura do Seminário A angústia**, de Jacques Lacan. Belo Horizonte: Scriptum, 2022.

DUARTE, André de Paulo. **Algumas implicações teóricas sobre a angústia em Kierkegaard, Freud e Lacan: sobre a (im)possibilidade da travessia**. 2020. 95 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. A angústia e as paixões da alma. *In*: LEITE, Nina Virgínia de Araújo (org.). **Corpolinguagem: angústia: o afeto que não engana**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 13-123. (Obras completas, v. 17).

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan**, v. 2: A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: A angústia**. (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEITE, Silvia. Silêncio, solidão e escuridão: sobre a travessia da angústia. *In*: GARCÍA, Flávio; MOTTA, Marcus Alexandre (org.). **O insólito e seu duplo**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009. p. 177-195.

LEITE, Silvia. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (Coleção Passo a Passo, n. 92).

LISPECTOR, Clarice. Por medo do desconhecido. *In*: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 418

MACHADO, Zilda. Da angústia ao desejo do analista. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 30, n. 56, p. 35-40, out. 2008. Publicação semestral do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

MILLER, Jacques-Alain. Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan. **Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, São Paulo: Eolia, n. 43, p. 7-81, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MURTA, Claudia. A angústia tratada como um afeto. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 23, n. 33, p. 13-20, 2011.

RINALDI, Doris. *O conceito de angústia em Lacan*. 2010. Disponível em: http://www.interseccaopsicanalitica.com.br/int-biblioteca/DRinaldi/Doris_Rinaldi_conceito_de_angustia_em_Lacan.pdf. Acesso em: 2 out. 2024.

TEIXEIRA, Antônio; CALDAS, Heloisa (org.). **Psicopatologia lacaniana I: semiologia**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

VASCONCELOS, Ana Carolina Peck; PENA, Breno Ferreira. Angústia: o afeto que não engana. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 41, n. 78, p. 3-17, jul./dez. 2019.